

Da minha biblioteca

Panfleto utópico em forma romance: Troika-me, de Maria João Neves



Adriana Nogueira

Classicista

Professora da Univ. do Algarve

adriana.nogueira.cultura.sul@gmail.com

Pode a literatura mudar a vida dos leitores?

É esse o desafio final de *Troika-me*, primeiro romance de Maria João Neves.

A autora vive em Tavira, onde, no seu consultório filosófico, aplica um método que criou e registou, partindo da Fenomenologia do Sonho, da filósofa e escritora espanhola María Zambrano (1904-1991), ao qual chamou Racionalismo Poético. Doutorada em Filosofia e a terminar um pós-doutoramento em Estética Musical, esta investigadora universitária partiu destes seus conhecimentos para, através da literatura, fazer uma proposta de mudança para Portugal.

Utopia?

Não será, certamente, por acaso que Thomas More é citado na epígrafe inicial, nem que uma das personagens da *Utopia* tenha dado nome a uma outra deste romance: Rafael Hitlodeu (indicação dada pela autora na Nota Final, p.303). O livro de Thomas More baseia-se, precisamente, na conversa que manteve com este português que teria encontrado uma sociedade ideal, não destruída pelos interesses particulares e egoístas.

É precisamente esta situação que é colocada no *Troika-me*, sintetizada num diagnóstico que identifica as causas da doença de que o nosso país padece («ineficiência crónica e melancolia psicótica» - p.121) que, a serem sanadas, resolveriam o problema da nação (apresento a lista em forma resumida): 1 – Nepotismo, pois



não são os melhores a ocupar os cargos; 2 – Assédio sexual, como resquício do feudalismo na atitude dos dirigentes de empresas e instituições; 3 – *Titulitis* – «Portugal sofre de inflação de títulos» (p.123); 4 – Prolixidade – «Portugal é um país perdulário. Desbarata não apenas os recursos económicos mas, sobretudo, esbanja palavras» (p.124); 5 – Pessimismo – «Os portugueses têm uma disposição natural para atender ao lado mau das coisas. Cultivam a auto-depreciação» (p.124).

Panfleto utópico em forma romance

Parafraseei o subtítulo das *Aventuras de João Sem Medo*, pois também seria este o subtítulo que daria ao *Troika-me*.

O romance desenvolve-se em torno de um grupo de amigos, todos eles com capacidades di-

ferentes, que as põem a render quando o momento de mudança surge, pois há uma altura em que alguém tem de fazer alguma coisa para mudar o país.

Uns misteriosos envelopes chegam, lacrados e sem remetente, ao consultório de Francisco, médico, e ao gabinete de Rafael, professor no Instituto Superior Técnico, na área de informática. Contêm apenas recortes de jornais com notícias de situações como as descritas acima, relativamente ao diagnóstico do país, como, por exemplo, sobre um presidente de câmara que, mesmo após o mandato perdido, continuou a licenciar, contrariando pareceres técnicos e violando o PDM (p.56); sobre o aumento da pobreza infantil, citando a Caritas Crisis Report (p.88); sobre a alteração ao ordenamento das listas dos candidatos a bolsas da Fundação para a Ciência e Tecnologia (p.104), etc. Estas notícias incomodam verda-



'Troika-me' é o primeiro romance de Maria João Neves

deiramente estes dois amigos e, sem que um saiba que o outro também recebia aquele tipo de envelopes, embarcam numa aventura e encontram-se a fazer parte de uma espécie de *think tank*, grupo de pensadores ativos, que pretende levar à prática uma série de medidas que permitam consertar as deficiências de Portugal. Mas como quantas mais cabeças, melhor se pensa, os restantes membros do grupo vão-se juntando: Isabel, pintora; Patrícia, bailarina; Ivo, músico (e algarvio, que acentua a sua pronúncia regional, quando está nervoso ou irritado); Mena, sociobióloga; e Laura, o elemento de equilíbrio do grupo, especialista de Filosofia, especialmente em María Zambrano. É ela que traz a questão ética necessária à discussão das medidas a tomar, considerando que «se reduzirmos a moralidade a uma questão biológica, deixamos de ser responsáveis pelos nossos actos» (p.202).

«Considerar o bem dos outros talvez seja a única forma de nos salvarmos a nós próprios»

Com esta frase (p.114) termina o penúltimo episódio da

primeira das três partes que compõem o livro (intitulada «Século XXI – Portugal Feudal»), resumindo a preocupação subjacente a este «panfleto»: não podemos pensar apenas em nós, se queremos uma mudança na sociedade, onde todos temos lugar.

Um dos capítulos (o livro tem capítulos de tamanhos diferentes, mas todos pequenos, que permitem um mudar – aparente – de assunto) conta uma situação vivida por Laura:

«Quem é aquela senhora?» Laura dirigiu o olhar para uma das mesas onde, enroscada no *kispo* vermelho, a pequenina cabeça grisalha enterrada nas mãos, uma idosa com corpo de criança dormia placidamente.

«Não conhece a Graça?»

Laura abanou a cabeça confirmando o desconhecimento: «Vive aqui?»

«Não conhece a Graça?», insistiu o dono do estabelecimento. «Costuma vir para aqui quando abro. Depois vai para o bar do irlandês ali do outro lado do rio, anda assim, à mercê. Vive sozinha, tem síndrome de Down. Todos protegemos a Graça!»

(p.93).

Estas atitudes de gente boa contrastam com a realidade que se vive no país. Alguns tentam fazer justiça pelas próprias mãos, como é narrado no episódio «A revolta dos *xaringados*», em que «os dispositivos de cobrança electrónica da Via do Infante foram inutilizados a tiros de caçadeira» (p.86), mas outros vão simplesmente definhando.

É contra este estado em que o país se encontra (o país e não só. Um dos episódios passa-se na Grécia) que este grupo de gente educada e criativa procura aplicar os seus conhecimentos, encontrando soluções práticas. Assim se desenvolve a segunda parte («Troika-me»), dando origem à terceira parte, mais pequena, que funciona quase como um epílogo. Aí, em resultado das ações das pessoas preocupadas e resolvidos os problemas identificados anteriormente, já o nosso país é conhecido como Porto-Graal, «devido à sua ascensão a número um no *ranking* de países com melhor qualidade de vida», tendo-se tornado numa «nação sem cunhas, sem assédio e sem burocratas. Na generalidade, os portugueses de hoje são gente ativa, bem-disposta e bonita que sabe gracejar sobre os tempos acabrunhados e taciurnos que já lá vão» (p.277).

Uma utopia ou uma possibilidade? Como em todas as utopias, surgem soluções mais ou menos radicalizadas, apresentadas com mestria e algum humor.

Maria João Neves consegue criar uma obra muito interessante e provocadora, para ser lida e discutida por quem se preocupa com a atualidade, com a qual podemos aprender muita coisa, principalmente filosofia e música, assuntos de especialista que a autora nos consegue apresentar com simplicidade e clareza.

AGENDAR



“EXPRESSÕES DE ARTE”

Até 24 JUL | Antigos Paços do Concelho de Lagos
Exposição colectiva de Laurentino Cabaço e Caetano Ramalho, numa mostra da diversidade dos seus estilos na pintura em diversas temáticas por si apresentadas



“CAMINHOS”

Até 28 JUL | Galeria de Arte Pintor Samora Barros - Albufeira

Desde pequena que Susana Gonçalves sente um forte apelo pelo desenho, possuindo um gosto e curiosidade peculiares pelo mundo da arte